

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE DIREITO DO LARGO DE SÃO FRANCISCO
DEPARTAMENTO DE DIREITO DO TRABALHO E DA SEGURIDADE SOCIAL
HISTÓRIA DO DIREITO DO TRABALHO NO BRASIL - DTB 0101

TRABALHO FINAL
GRUPO 7

José Adailton dos Santos Junior
Nº USP: 8558900

PROFESSOR JORGE LUIZ SOUTO MAIOR
MONITORAS TAINÃ GÓIS E MARIA PAULA BEBBA PINHEIRO

São Paulo
2021

A democracia e o futebol: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”

A ditadura militar ocorreu nos anos de 1964 a 1984, e a partir do governo do general Ernesto Geisel, iniciou o processo de abertura política que resultara na redemocratização do país, que teve como principal movimento social as Diretas Já. Apesar dos duros anos do governo militar, o movimento citado, adjunto ao aparecimento de forças políticas e sindicais que permitiram a renovação de uma gestão democrática do país, proporcionaram um resgate da liberdade de expressão e dos direitos retirados durante a ditadura.

Apesar desse período vivido no obscurantismo, houve um movimento popular tocante e resistente à impossibilidade de participação política. Mas que relação existe entre o futebol e a democracia, e o que eles têm em comum? Ou melhor, o que o time do Corinthians, jogadores e torcedores, têm a ver com a redemocratização da política brasileira?

A conscientização política no futebol, pode ocorrer a partir da conjuntura vivida pelo país e do conjunto de forças, que corroboram com a devolutiva à população de seus direitos políticos, de manifestações e de participação. No final da década de 1970 e início de 1980, os movimentos sociais, em especial, os movimentos sindicais, tiveram uma força determinante para que a redemocratização e o movimento de contestação da não participação popular nos processos decisórios do país fossem possíveis para os diversos âmbitos do convívio social, dentre as artes, os esportes e a vida política e social.

No período de redemocratização brasileira, houveram manifestações culturais, como o rock nacional, e as explicitações da ostensividade do braço direito da polícia, que traz o revés majoritariamente às minorias, sendo indicado por Sarmiento-Pantoja, o documentário Democracia em preto e branco (2014)¹ para desvelar-se da melhor forma outras vertentes do período de redemocratização.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=ydj0Wb4yLLo>

Democracia Corinthiana

Vamos jogar com raça
E com o coração,
É o time do povo,
É o Coringão.

A música entoada nas arquibancadas alvinegras continua a anunciar as características como raça, povo e coração, fundamentais para o autorreconhecimento do torcedor corinthiano. A representação do clube sempre esteve diretamente ligada à condição de representante dos anseios das camadas mais populares, assim como a influência direta de seus torcedores nas arquibancadas, que potencializa as qualidades da equipe e diminui as suas limitações. Sendo a ação da massa torcedora o combustível necessário para que os jogadores incorporem o *ethos* alvinegro em sua totalidade. Assim, a camisa corinthiana adquire a condição de síntese entre torcida e equipe e, como ‘manto sagrado’, envolve o espírito característico do clube. Como podemos perceber nesse trecho da entrevista do jogador Wladimir à revista *Placar*², em maio de 1980, ao qual justifica a sua permanência no clube:

“Preferi ficar, porque tenho tanta coisa em comum com o pessoal da arquibancada... Eles me aplaudem, vibram comigo, às vezes me vão, mas entre nós há uma ligação de origens, entende? Em outro time, seria meio diferente.”³

E dessa forma que no início dos anos 80, o Corinthians passa a utilizar o seu ‘manto sagrado’ para se comunicar junto às massas e divulgar a necessidade da democracia no Brasil. Aliás, não só comunicar, como expressar. Enquanto muitos estudantes, artistas e intelectuais participavam das campanhas pelo fim da ditadura militar no Brasil, o Corinthians encampou uma experiência inédita de gestão compartilhada e democrática no futebol brasileiro. A Democracia Corinthiana - movimento liderado pela direção de futebol do time e por alguns jogadores do clube, como Sócrates, Wladimir e Casagrande – buscou maior participação dos atletas e dos funcionários do Corinthians nas decisões que diziam respeito ao clube: a abolição da concentração para alguns jogos, a

² Revista *Placar*, nº524, 16 de maio de 1980, p.56

³ https://books.google.com.br/books?id=T5KpYmC2ZA4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

definição dos horários de viagem, a contratação de novos jogadores e as mudanças na comissão técnica.

A Democracia Corinthiana não foi uma revolução ou uma proposta concebida apenas pelos dos jogadores do Corinthians. No ano de 1981, o sociólogo Adilson Monteiro Alves foi convidado pelo então presidente do clube, Waldemar Pires, para ser diretor de futebol. Alves, que nunca havia integrado a direção de um clube, apresentou uma proposta inovadora para as tomadas de decisões no Corinthians, que envolvia a participação dos jogadores e da comissão técnica na tomada de decisões. Um modelo de gestão democrática.

Um marco importante pode responder as indagações colocadas sobre o vínculo do time e da torcida corinthiana e o período de redemocratização do Brasil. É o dia 14 de dezembro de 1983, quando se disputou no estádio do Morumbi a final do campeonato paulista de futebol daquele ano; uma surpresa que marcou a entrada em campo do time do Corinthians. Ao saírem do túnel para fazer a



tradicional saudação à torcida, seus jogadores traziam uma vistosa faixa com os dizeres: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”. Os jogadores que erguiam aquela faixa e representavam a Democracia Corinthiana conseguiram sintetizar o espírito e os anseios políticos de seu tempo. Tornou-se o microcosmo desse clima do processo da redemocratização no Brasil. Desde o final dos anos 1970 essas haviam se transformado em espaço de exposição de faixas cujas mensagens já expressavam apelos sociais e políticos, assinalando o alinhamento gradativo do esporte com o conjunto das forças democráticas, que em consonância com os movimentos sociais e sindicais, se engajaram na luta por uma participação política da população.

Na partida realizada no dia 11 de fevereiro de 1979, O Corinthians venceu o Santos por 2 a 1, mas o que foi ainda mais marcante, foi a uma faixa com a frase “anistia ampla, geral e irrestrita”⁴. A torcida corinthiana se empoderou contra o golpe, até mesmo antes



Em fevereiro de 1979, os torcedores corinthianos já tinham chegado aos campos de futebol, mas jogou contra o Santos, torcedores do Corinthians abrem uma faixa pedindo anistia ampla, geral e irrestrita.

do início da abertura política, partida esta que foi realizada após o término do AI-5, o Ato Institucional que censurou todos os movimentos artísticos, políticos, estudantis e qualquer forma de reivindicação contra o governo. A cassação de direitos políticos, e torturas refletiam muito mais que a tentativa de instaurar narrativas opostas ao governo, mas de repressão profunda contra qualquer movimento social e democrático.

A participação dos torcedores nas arquibancadas atesta a plena convergência de propósitos e anseios da sociedade civil, em especial daqueles que lutavam por transformações políticas e sociais em um país ainda dominado pelo regime militar.

Em 1984, as personalidades ligadas à Democracia Corinthiana, como Adílson Monteiro Alves, Sócrates, Wladimir, Casagrande, Luís Fernando e Ataliba, participaram de manifestações cívicas como os comícios que pediam as Diretas Já. O movimento pelas Diretas Já parece ser o maior ponto de convergência entre os jogadores participantes do movimento Democracia Corinthiana e os membros da torcida Gaviões da Fiel. O futebol, apesar de visto então por muitos intelectuais como simples fonte de alienação, pôde se enquadrar no contexto dos novos espaços próprios à articulação de reivindicações políticas e sociais. Indo além do chamado “pão e circo” que revestia as críticas ao país do futebol, mostrando também anseios da própria sociedade brasileira que lutava por seus direitos políticos de escolher seus representantes no movimento de redemocratização do Estado Brasileiro. O futebol, representa para além do

⁴ <https://www.nexojournal.com.br/externo/2019/02/16/Como-o-futebol-brasileiro-encarou-a-ditadura>

esporte um fato social total, pela sua caracterização também cultural e de participação social abrangente em nosso país.

Sócrates

Sócrates foi talvez o craque mais politizado do nosso futebol. Era quem imprimia em campo, com seus surpreendentes passes de calcanhar, e fora, com sua personalidade, a fuga dos padrões. Intellectualizado, formado em Medicina, o meia-atacante batizado em homenagem ao filósofo grego foi um grande pensador seja nos consultórios, nos estádios ou nos palanques. Foi um dos líderes do movimento da Democracia Corinthiana. Em 1984, quando a sua transferência para a equipe italiana Fiorentina era o grande assunto nos jornais esportivos, apareceu na revista Placar, vestido de Dom Pedro I e fazendo referência ao grito de independência do Brasil, bradou: “Se o Brasil mudar, eu fico” fazendo referência direta a campanha pela aprovação da Emenda Constitucional Dante de Oliveira, emenda essa que visava reinstaurar as eleições diretas para Presidente da República no Brasil, suspensas desde o golpe militar de 1964.



Revista Placar, nº727, 27 de abril de 1984⁵

Conclusão

Entre 1979 e 1983 divide-se um legado de memória, de tradição que pode fazer de indivíduos de várias torcidas se irmanar ao pertencimento de uma classe, ou seja, ganhar, mas com democracia. O movimento político e cultural pôde ser desenvolvido, acerca de um bem comum – a democracia do país, em um momento em que com a abertura de possibilidades de manifestações sem a coerção do Estado ditatorial, o clube corinthiano fez parte do movimento histórico do período de redemocratização do país, demonstrando que para além de um esporte, o futebol contém influências políticas de toda uma nação.

⁵ https://books.google.com.br/books?id=u6qtru2TWxYC&pg=PA3&lr=&hl=pt-BR&rview=1&source=gbs_toc&cad=2#v=onepage&q&f=false

Vladimir abre o jogo

Placar — *Quem são os seus ídolos fora do futebol?*

VLADIMIR — Puxa, tanta gente: o Martin Luther King, por tudo o que ele fez pela igualdade racial, o Ernesto Che Guevara, que era um cara incrível, o Miguel Arraiz, o Tiradentes, um herói que aprendi a admirar na escola... Em outras áreas, o Milton Nascimento, Geraldo Vandré, Fagner, Beto Guedes, Chico Buarque, Gilberto Gil, Bob Dylan, os Beatles, Bob Marley, Vanessa Redgrave — que papel maravilhoso ela fez naquele filme, "Júlia"!

Placar — *Em matéria de música...*

VLADIMIR — ...ando curtindo música pra dançar. Minha época de discoteca já passou, mas continuo gostando muito de mexer o corpo. É importante a gente saber cultivá-lo. E você já percebeu que há coisas em comum entre a dança e o futebol?

Placar — *Você não teme que essa paixão pela dança venha a prejudicar sua imagem?*

VLADIMIR — Pois é, às vezes prefiro nem falar de minhas preferências. Eu me preocupo com a imagem desde que passei a exercer uma função popular, isto é, a jogar futebol como profissional. Sinceramente, não sei se vou conseguir mantê-la. A partir de 1978 — nunca falei sobre isso — comecei a ter consciência das arbitrariedades cometidas contra os negros. Cheguei à conclusão de que o preconceito é muito mais social do que racial. Quer dizer, crioulo pobre sofre mais do que crioulo rico.

Placar — *O que o levou a essa tomada de consciência?*

VLADIMIR — Muitos fatores. Lembra-se do caso dos cinco garotos negros expulsos do Clube Tietê, aqui em São Paulo? Aquilo me revoltou. Depois, vi que atrás de certas críticas que recebia havia um preconceito escondido, sabe? Tornei-me mais crítico,

convivi com um pessoal da Universidade de São Paulo e li uns livros que me influenciaram, como "Negras Raízes" e uma história do Décio Freitas sobre o Quilombo de Palmares.

Placar — *Nas concentrações, aliás, você está sempre lendo, não?*

VLADIMIR — Não gosto de jogar baralho. Aproveito o tempo para ler — Herman Hesse, Eric Fromm — e estudar. Estive fazendo um curso sobre língua e cultura africana. Eu andei até aprendendo yorubá, um dialeto africano. Só parei porque meu professor voltou para a Nigéria. Logo que puder, farei Ciências Sociais. Será uma forma de compreender melhor a sociedade.

Placar — *Bem, vamos ver o que você pensa de alguns assuntos da atualidade. Primeiro, a greve do ABC.*

VLADIMIR — As reivindicações dos trabalhadores são justas. O povo que produz e ajuda o país a se desenvolver tem direito a participar dos resultados dessa produção.

"A mulher deve mesmo fazer reivindicações"

Placar — *Que tal o Lula?*

VLADIMIR — Um líder sindical nato, que leva os trabalhadores a tomarem consciência de sua situação.

Placar — *E o Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo?*

VLADIMIR (dá um largo sorriso e vibra como se comemorasse um gol) — Ah, ele é também meu ídolo! Diz as coisas que a gente quer ouvir.

Placar — *Qual é a sua opinião sobre a atual abertura política?*

VLADIMIR — Olha, ela não foi dádiva do governo, não. É uma conquista do povo através de muita luta. Mas acho que, se dependermos só dessa abertura para chegar à democracia, ainda teremos que esperar uns 50 anos.

Placar — *Para você, quais são os problemas prioritários do país?*

VLADIMIR — Se eu tivesse poder, trataria de dar educação para todos e promover uma melhor distribuição de renda. No meu entender, há três coisas essenciais para o homem: direito à vida, à moradia e à alimentação.

Placar — *O que você acha dos movimentos feministas?*

VLADIMIR — Acho que a mulher tem que reivindicar seus direitos. Nós vivemos numa sociedade machista.

Placar — *A sua mulher trabalha?*

VLADIMIR (rindo) — Não, a Rose li ainda está estudando. Ela tem 17 anos. Mas é claro que não me oponho.

Placar — *Você defende o aborto?*

VLADIMIR — Depende de cada caso.

Placar — *Condena o homossexualismo?*

VLADIMIR — Em absoluto. Cada um leva a vida que gosta. O homossexual é um ser humano como outro.

Placar — *E o uso da maconha?*

VLADIMIR — Nunca tive necessidade disso. É o tipo de problema que não me preocupa.

Placar — *Qual é o seu partido?*

VLADIMIR — Bem, o governo conseguiu dividir a oposição. Fico com o PMDB, herdeiro do MDB, no qual eu votava.

Placar — *Uma perguntinha clássica: você deixaria seu filho ser jogador?*

VLADIMIR — Não vou proibir, mas não vou incentivar. A gente dentro do futebol profissional depende de dirigentes inábeis e de esquemas autoritários. E em geral não temos liberdade para criar. Sabe qual a posição que mais gosto? Volante ou meia-esquerda. Nos infantis, eu era mais solto, criativo. Depois fiquei muito preso, só destruindo. Acho que está errado, preciso me libertar um pouco. Só assim voltarei à Seleção.

Placar — *Como é que você vê o torcedor de futebol?*

VLADIMIR — Vejo nele o povo, o povo oprimido que vai a campo para externar as frustrações do seu cotidiano.

Placar — *E você, que foi um garoto pobre, filho de pedreiro, identifica-se com ele?*

VLADIMIR — Vou te contar uma coisa. Eu ganharia muito dinheiro saindo do Corinthians. Houve até quem me aconselhasse a fazer isso. Prefiro ficar, porque tenho tanta coisa em comum com o pessoal da arquibancada... Eles me aplaudem, vibram comigo, às vezes me vaiam, mas entre nós há uma ligação de origens, entende? Em outro time, seria meio diferente.

Por CARLOS MARANHÃO



O preconceito é mais social do que racial



Vou me libertar para voltar a jogar na Seleção



SE EU FOSSE GOVERNADOR...

O ideal público sempre foi um planejamento executivo direcionado para o bem estar de toda a população, não apenas para parte dela. Assim, tentarei colocar as minhas posições sem vinculá-las às dos partidos que disputam as próximas eleições. Não ousei dizer que são posições eternas, pois nós mudamos, o mundo que nos cerca também muda, e nos modifica. Sei que, no atual momento do país, seria utópico pretender modificações radicais, mas deixo claro que — observadas as condições brasileiras e paulistas — estas seriam as minhas proposições se eu fosse realmente candidato a governador.

"Democracia é um direito que devemos exigir"

Ao contrário de inúmeros postulantes ao Executivo, que colocam como prioridades as modificações a nível federal, como a reforma tributária, por exemplo, eu me concentraria em posições realistas a nível estadual, que não dependam do Congresso ou do governo central. Espero, sinceramente, que, no futuro, todos os homens deste país possam participar da criação de um Estado bem melhor do que o atual. Isso só será alcançado com a participação de todos.

Democracia é um direito que devemos exigir. Seu exercício, porém, nem sempre é agradável para todos, já que as posições individuais devem ser questionadas e anuladas, antes de se tomar decisões. Após formar sua equipe de trabalho, o Executivo deveria, sempre, atrair todos os segmentos sociais para participarem da execução de seus projetos. Senhorias diretrizes, embora seja mais didático, também

é questionável, já que tudo está interligado. De qualquer modo, tentemos. O brasileiro busca, basicamente, trabalho, educação, habitação, saúde e alimentação. Tudo o mais decorre daí.

● **Trabalho** — É preciso gerar empregos com estímulo dos órgãos financeiros do Estado e com a boa utilização da receita pública, sempre com estudos prévios das necessidades das diversas regiões do Estado. Se houver necessidade de migração de mão-de-obra, deve ser orientada pelo governo. O governo deve estar preparado para minimizar o desemprego em caso de recessão econômica mais acentuada. É fundamental, também, dar ao trabalhador condições de segurança, bem-estar e transporte. Para isso, o trabalhador deve participar ativamente das decisões que o afetam, e o gover-



dos colonos buscam a cidade grande por falta de perspectivas; ingênuos e despreparados, enfrentam mais dificuldades do que tivessem permanecendo no interior. Se as cooperativas fossem bem administradas, certamente minorariam esse problema. Nas cidades, eu planejava uma forma de acabar com as malocas e fazer os conjuntos profissionais funcionarem como verdadeiras comunidades.

Como jogador de futebol, eu me empenharia para fortalecer nosso sindicato, que nem sede própria tem. Os jogadores do interior têm necessidade de um sindicato forte, para enfrentarem os cartolas que atrasam pagamentos, rasgam contratos, não cumprem acordos e enganam os boleiros.

Eu seria, basicamente,



um governador sincero. O governo, às vezes, cria desconfiança em relação às suas obras porque enfileira demais. Vejam o caso do pólo petroquímico do Sál: é uma grande realização, só que afirmaram que criaria muito mais empregos do que realmente criou. Daí a eterna desconfiança do povo.

Por CLEO INÁCIO HICKMANN

no não deve, em nenhuma hipótese, se intrometer nas entidades sindicais.

● **Habitação e Solo Urbano** — O governo deve incentivar a criação de comunidades — com créditos e orientação — para a construção de casa própria. Deve utilizar todos os seus terrenos ociosos para acelerar essas construções, deve regularizar todos os loteamentos clandestinos e favelas que já tenham moradores; deve evitar, dando outras opções de moradia, o surgimento de novas favelas e loteamentos

até pelo fato de ser muito caro. Teríamos de gerar mais empregos, ocupar nossa mão-de-obra atraindo indústrias para o Estado.

Em quarto lugar, o problema habitacional. O povo não tem dinheiro nem para comer, mas se fixa na ideia de comprar um imóvel que hoje custa 2 e amanhã custará esse 2 mais 1, de modo que nunca se acabará de pagá-lo. Se o problema é livrar-se do aluguel, não vejo vantagem em levar 20 anos pagando uma dívida que cada vez cresce mais. Então, é preciso criar um sistema habitacional mais humano e racional, sem juros exorbitantes e com casas cujo acesso seja realmente dado à população mais carente.

Em quinto lugar, os transportes coletivos. Os ônibus são caríssimos e os trens chegam sempre atrasados, colocando em risco o emprego dos trabalhadores. Colocar os trens no horário já seria uma grande medida.

Finalmente, eu daria um pouco de atenção ao esporte, para defender minha classe e criar maior segurança nos estádios, tanto para os que estão ali trabalhando quanto para os torcedores. Criaria mais praças de esportes, principalmente nos subúrbios, com professores para ensinar e orientar a população.

Em último lugar, quero dizer que não sou candidato a nada.

Por PAULO SÉRGIO D. LIMA

clandestinos, além de criar infraestrutura básica para todas essas comunidades, através de luz elétrica, calçamento, rede de esgotos e água encanada. Os projetos devem ser regionalizados, e todos devem ter moradia digna, mesmo não sendo proprietários.

● **Saúde** — Para melhorar nosso sistema de assistência médica, o primeiro passo é valorizar a profissão, com melhor remuneração e melhores condições de trabalho. Depois, incentivar e financiar a medicina preventiva e a pesquisa.

No caso da medicina curativa, deve ser reestruturado o sistema dos centros de saúde, aumentando sua autonomia e direcionamento, para que possa cobrir faixas mais amplas da população. Bem aparelhado, um ambulatório pode atender 90% dos casos, evitando o excesso de procura de hospitais, o que acarreta o mau atendimento. É também importante aumentar a qualidade do ensino médico, não apenas na USP (Universidade de São Paulo) como nas escolas do interior. Boa parte do povo é atendida em hospitais-escolas, e estas devem estar melhor equipadas, já que a população que os procura é uma amostra da qualidade de saúde em cada região do Estado.

"Precisamos valorizar nossos professores"

É preciso incentivar o acesso a cursos paramédicos, que são de grande valia num programa global de saúde. Valorizando estes profissionais, melhoraremos sua capacidade de trabalho e cooperaremos muito gente para estas atividades técnicas essenciais.

● **Educação** — Primeiro, é preciso valorizar o magistério, com remuneração digna.